

# PERÍODO CIENTÍFICO: PRIMEIROS PASSOS DA GRAMATICALIZAÇÃO DO BRASIL?<sup>226</sup>

Wandercy de Carvalho (UFF)  
[wandercycarvalho@yahoo.com.br](mailto:wandercycarvalho@yahoo.com.br)

*Omnia mutantur, nihil interit*<sup>227</sup>  
(Ovídio)

## ***1. Período científico: primeiros passos da gramaticalização no Brasil?***

Com a presente exposição será possível constatar que os estudos relacionados à gramaticalização no Brasil poderiam incluir autores nacionais do século XIX. No entanto, a preferência por estudos vinculados às Universidades Americanas é um fato significativamente marcante; e essa tendência acaba provocando um vácuo entre os primeiros estudos de mudança linguística no Brasil, e as recentes pesquisas relacionadas ao mesmo tema. A impressão sentida é a de que não existem estudos nacionais capazes de serem considerados pioneiros.

Contudo, talvez a não pesquisa pela “origem” daquelas produções de conhecimento seja motivada pelo desprezo que os linguistas demonstram naquilo que foi desenvolvido pelos filólogos do passado. Entretanto, independentemente do que venha a ser de interesse de um ou de outro estudo, parece incoerente a decisão de ignorar os estudos mais antigos, visto que eles são, não só significativamente importantes para os estudos linguísticos, mas também pelo fato de ambas as correntes de estudos adotarem a mesma fonte bibliográfica. E ainda que exista uma teoria propondo a distinção entre as duas linhas de pesquisas, ambas deveriam ser complementares e não divergentes.

Um dos objetivos que motivou a escrita desse texto foi apresentar um elo que possa interligar os recentes estudos sobre a gramaticalização, com aquelas obras, que, procurando “romper com a tradição logicista, se

---

<sup>226</sup> Este texto é uma versão de um capítulo da tese: “Uma (nova) preposição portuguesa? Estudos diacrônicos da palavra *como*”, ainda em andamento.

<sup>227</sup> Todas as coisas mudam, nada se perde.

basearam nas correntes científicas (histórico-comparativas)”, Fávero, (2006, p. 14). Estas propostas podem ser encontradas em autores como Júlio Ribeiro (1881) e outros contemporâneos a ele.

Portanto, aqui são retomados alguns estudos produzidos no Brasil no final do século XIX, quando a língua é estudada “como as espécies orgânicas que povoam o mundo” Ribeiro (1881, p. 153); ou seja, uma clara visão de que a língua é uma espécie de ser vivo, que evolui e muda com o tempo. De igual modo, também é possível encontrar opiniões parecidas, por exemplo, em: Gonçalves (2007, p. 20); quando ele define gramaticalização expõe uma visão sobre a língua muito parecida com aqueles estudos propostos por Ribeiro. Este fato demonstra ser possível ocorrer bom compartilhamento entre as duas linhas de pesquisa. No entanto, não é isso o que acontece.

Os recentes estudos referentes à gramaticalização parecem não encontrar nenhuma relação entre as ideias darwinistas, e o seu próprio foco de estudo. Questão, de certa forma, paradoxal, visto que a gramaticalização só existe porque existe a mudança na língua. A consciência de que a língua está em constante processo de mudança é o que motiva e dá vida aos citados estudos linguísticos. Entretanto, parece que, aos olhos de alguns funcionalistas, os estudos propostos pelos gramáticos do período científico estão mortos e para sempre enterrados. Portanto, quebrar essa lápide e mostrar que a “múmia” ali enterrada está recheada de pedras preciosas, e as mesmas devem ser estudadas, isso é um motivo suficiente para justificar o presente trabalho.

Outro objetivo que motiva esse texto é apresentar alguns tópicos gramaticais propostos por “autores do período de orientação das correntes científicas”, Fávero, (2006, p. 10), particularmente, Júlio Ribeiro, para questionar se ele contribuiu, sem que tivesse a intenção, nas ideias básicas do que hoje é denominado gramaticalização.

### **1.1. O que é o período científico?**

Qual o motivo da nomeação de determinado período no tempo? Somente para distingui-lo de outros? É notório que certas questões motivam conflitos em determinado momento na vida de um povo. Por exemplo, uma nova geração se destaca para contestar outra que se encontra es-

tabelecida e acomodada. Assim foi desde os *poetae novi* séc. I a.C.<sup>228</sup>, período em que se estabeleceu *a querele entre antigos e modernos*. E este mesmo embate tem se manifestado em diversos momentos da história humana; passou pela Renascença e tantos outros *movimentos culturais*. De igual modo, conforme alguns fragmentos de textos que serão expostos mais abaixo, será possível perceber que ocorreu uma disputa de ideias quando, nas últimas décadas do século XIX, os estudos linguísticos no Brasil foram sacudidos por teorias renovadoras vindos da Europa. Nesta ocasião, um grupo de gramáticos adota essas propostas, e esse novo modo de observar a língua, segundo os princípios evolutivos de Darwin, e esse fato vai motivar conflitos.

### *1.1.1. Princípios darwinistas*

O tema relativo à sobrevivência do mais forte nas espécies, aos poucos, foi tomando proporções possivelmente não imaginadas. E aqueles conceitos, que, a princípio, seriam aplicados, apenas, aos seres vivos, estendem-se para outros campos do conhecimento. E não podendo ficar indiferente a este fato, uma parte dos estudiosos das línguas naturais percebe que os mesmos conhecimentos usados nos estudos referentes aos seres vivos podem ser aplicados às línguas. Segundo Cavaliere (2000, p. 118), “o filólogo Fausto Barreto convenceu-se de que era possível aplicar na língua os mesmos métodos de investigação utilizados na biologia, com ênfase marcante nos estudos etimológicos.”

Com base nestes princípios de clara renovação, ainda conforme Cavaliere, (2002, p. 111), os estudiosos apresentam “um novo olhar sobre a gramática, em que o objeto, o fato gramatical, deixa de ser contemplado para ser analisado”. Estas recentes teses vindas da Europa, apresentadas por Schleicher, Schlegel, Whitney e Max Müller muito contribuíram para os estudos linguísticos no Brasil.

O primeiro texto a apresentar esta nova tendência é a *Grammatica portugueza* de Júlio Ribeiro (1881). Nela o autor abandona as propostas da gramática geral e filosófica (greco-latina), e adota novas ideias vindas de estudos recentes europeus. Nesta mesma década (1881 a 1890), talvez contagiados pelos novos métodos de observar a língua, muitos estudos

---

<sup>228</sup> “No século I antes de nossa era, surge uma nova escola de poetas, que despreza os antigos poetas latinos, e passam a imitar os Alexandrinos”. (LAURAND, 1946, p. 71)

gramaticais são desenvolvidos e divulgados a ponto de surpreender em quantidade. Esta nova atitude perante a língua, isto é, a adoção do novo modo de observar a evolução linguística se estende, segundo Cavaliere, (2000, p. 111), de 1881 a 1941.

Portanto, o período científico (gramatical) caracteriza-se pelo conjunto de obras produzidas no Brasil a partir de 1881 até 1941, baseadas em teorias que observam a língua como um organismo vivo, segundo os princípios naturalistas, isto é, um ser capaz de sofrer mudanças ao longo do tempo.

Silvio Elia, (1975, p. 121), analisando os textos mencionados acima, é quem primeiro denomina aquela época de: “Período Científico”, porque “as forças de renovação prevalecem sobre as de conservação (...), quando despontam, de maneira mais segura e auspiciosa, as manifestações da direção filológica, a qual, daí por diante, irá caracterizar os estudos linguísticos no Brasil”. Essa ruptura vai ser definitivamente marcada com a publicação da *Grammatica portugueza*, de Júlio Ribeiro, em 1881.

Os conceitos darwinistas foram muito significativos, a ponto de os estudiosos da língua extraírem dos mesmos expressões antes usadas no reino animal. Por exemplo, a palavra *morfologia*, termo biológico de 1830, criado por Goethe, passa a fazer parte da gramática para servir de base a estudos relacionados à estrutura, formação, flexão e derivação das palavras. Os estudiosos dessa linha de pesquisa acreditavam que seriam capazes de descobrir, com seus estudos, uma língua única, da qual teriam originado todas as outras línguas mais recentes; no entanto, o mais longe que chegaram foi ao indo-europeu. Laroca (2011, p. 12). Pereira, (1918, p. 263), ao falar de sintaxe irregular ou de colocação, destaca: “Amfibologia<sup>229</sup> ou ambiguidade consiste em oferecer a phrase sentido duplo ou duvidoso”.

Os estudiosos que adotaram o modelo naturalista e darwinista apresentaram teses, que, até hoje, ainda são fontes de interesses para pesquisas contemporâneas. A partir delas todo estudo referente à história da língua está, de alguma forma, centrado no conceito de que as línguas mudam, e é esta, portanto, a noção do princípio evolutivo. De igual modo, o mesmo também pode ser encontrado na gramaticalização.

---

<sup>229</sup> Animais anfíbios, (a ambiguidade linguística parece próxima à ambiguidade animal).

Neves (2004, p. 113), ao falar sobre esse tema destaca uma importante diacronia *apud Heine et alii* (1991b, p. 5-11):

A gramaticalização começa na China, no século X; vai, então, no século XVIII, para a França (Condillac, Rousseau) e a Inglaterra (Tooke); vai, no século XIX, para Alemanha (Bopp, Schlegel, Humboldt, Gabelenz) e os Estados Unidos (Whitney); chega no século XX, a Meillet, que primeiro introduziu o termo gramaticalização, e que definiu o processo como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”.

A própria definição de gramaticalização permite identificar a filiação dos autores citados com as ideias evolucionistas. Pois só será possível admitir que uma palavra autônoma, (ou palavra de categoria lexical: substantivos, adjetivos e verbos), passe para a (categoria gramatical, ou seja, preposição, advérbio ou conjunção), se no estudo estiver admitida a ideia de evolução. Tais processos de mudanças estão presentes para serem observados e constatados, em obras escritas, por exemplo, Ismael Coutinho, (1972), J. J. Nunes, (1975) e outros.

Portanto, há uma linha de contato muito próxima entre os autores do chamado período científico, e os estudiosos da gramaticalização. No entanto, qual a explicação para o apagamento dos primeiros?

O texto seguinte contém opiniões muito parecidas às apresentadas acima, por Neves, quando esta apresenta os primeiros estudos sobre gramaticalização:

As palavras hoje invariáveis já gozaram de vida, já tiveram formas móveis nas línguas matrizes: são (...) partes fluidas que se solidificaram por uma como cristalização linguística. No advérbio encontram-se ainda vestígios de flexão. (JÚLIO RIBEIRO, 1881, p. 57).

O texto de Júlio Ribeiro, possivelmente, motivado pelas ideias evolutivas vindas da Europa, é muito parecido ao proposto por Meillet; ou melhor, tendo em vista que o referido autor nasceu um pouco mais de trinta anos *após* Júlio Ribeira ter editado a gramática dele, é melhor dizer que a noção de gramaticalização proposta por Meillet é parecida ao texto de Júlio Ribeiro. Portanto, é inevitável dizer, que não se deveria estudar gramaticalização no Brasil, sem incluir os autores do chamado período científico.

Na exposição de Júlio Ribeiro apresentada acima está o reconhecimento da mudança linguística, e conforme se pode constatar a seguir, a mesma opinião proposta por esse autor do séc. XIX poderia ter sido apresentada por um funcionalista dos dias atuais. Como exemplo, destaca-se de Gonçalves *et al.* (2007, p. 20) o que é definido por gramaticalização:

A concepção mais clássica de gramaticalização, palavras de uma categoria lexical plena (nomes, verbos, e adjetivos) podem passar a integrar a classe das categorias gramaticais (preposições, advérbios, auxiliares, etc.), as quais podem vir até mesmo a se tornar afixos.

Embora estes dois pontos de vistas tenham surgidos em épocas bem distintas, o primeiro em (1881), e o segundo em (2007), e, teoricamente, pertencerem a linhas de pesquisa opostas, conforme é possível constatar, não há diferença entre um o outro. É este, portanto, um dos objetivos que motivaram escrever esse texto: encontrar traços capazes de comprovar que os estudiosos do período científico podem ser identificados como os primeiros que semearam as ideias da gramaticalização no Brasil, embora os mesmos não soubessem que suas propostas receberiam essa denominação.

Assim, as teses evolutivas de Darwin adotadas nas últimas décadas do séc. XIX por gramáticos como Júlio Ribeiro, Ernesto Carneiro, João Ribeiro e outros estão claramente recentes, a ponto de parecerem àquelas expostas por Neves (2004) e Gonçalves (2007).

Martelotta, (1996, p. 224), ao tratar da gramaticalização do item *então*, apresenta uma noção de gramática proposta por Lichtenberk (1991, p. 76): “As gramáticas das línguas naturais nunca são estáticas; em toda língua existem sempre áreas que estão em fluxo.” Após outras considerações sobre gramática, Martelotta acrescenta:

Estamos considerando, portanto, a gramática das línguas algo que está sempre se refazendo em função de aspectos criativos do discurso. O processo de gramaticalização, sendo um fenômeno universal, é uma manifestação dessa característica das línguas.

Fávero, (2006, p. 138), ao expor alguns aspectos da “Grammatica da lingua portugueza, de Manuel Pacheco da Silva Jr. e Boaventura Plácido Lameira da Andrade”, de 1894, assim destaca:

Em suas primeiras páginas, já apresentam um histórico da língua portuguesa, desde as línguas ibéricas e célticas, passando depois aos idiomas fenícios, tratando tanto do latim vulgar quanto do clássico, informando que o português *é apenas uma variação do tipo latino* e que *os elementos peregrinos não puderam desviar a língua da sua evolução natural*.

Assim, quando Martelotta destaca a noção de gramática ou no momento em que apresenta as diferentes funções do elemento *então*, ou quando Fávero expõe diferentes estudos do passado, embora não expressem textualmente deixam clara a noção de que a língua é como uma espécie de organismo vivo que se metamorfoseia conforme a sua necessi-

dade. Entretanto, o mais importante a destacar é a consciência de que a língua muda e ela está “sempre se refazendo”, caracterizando uma “evolução progressiva” ao longo do tempo.

Esse ponto de vista está presente, também, na gramática de Ernesto Carneiro Ribeiro, (1950):

Hoje todo o estudo da grammatica a que não acompanham as observações sobre a historia da lingua em sua evolução progressiva, como um organismo vivo, que se não pode subtrahir às leis a que está sujeito tudo o que vive, é incompleto e repellido para o puro dominio dos estudos abstratos e metaphysicos, em nada consoantes à esphera em que deve girar e se manter toda a sciencia que aspira a uma utilidade pratica e real, e se harmoniza e concerta com os sellos que em todos os trabalhos scientificos vão imprimindo e gravando o seculo que atravessamos. Ribeiro (1950, p. 7). (Reprodução do prólogo da primeira edição de *Serões Grammaticaes*, 1890).

Novamente é possível identificar pensamentos comuns, entre os estudos apresentados no final do século XIX, no Brasil, e a gramaticalização dos dias atuais. Sendo assim, as ideias evolutivas sobre a língua propostas por teorias darwinistas podem ser, facilmente, transferíveis para a gramaticalização.

### 1.1.2. Os autores do chamado período científico

“A referência às fontes bibliográficas em nossas obras filológicas não era obrigatória”, assim esclarece Cavaliere (2000, p. 74), entretanto, Júlio Ribeiro parece fazer questão de revelar a origem de suas leituras. Para isso, ao editar a sua *Grammatica portugueza*, ele dedica-a a alguns nomes europeus que até hoje são fontes de interesses na área do conhecimento linguístico: “A Friederich Diez e Émile Littré”.

Diez escreveu: *Gramática das línguas românicas* (1836), sendo esta a base fundadora da filologia românica. Além desses dois autores, Ribeiro ainda acrescenta na dedicatória de sua *Grammatica*: “de saudosa memória aos senhores: William Dwigth Whitney, Max Müller, Auguste Brachet, Michel Bréal”, dentre outros, com tal adesão a essas *contagia sapientis*, Ribeiro muito contribuiu para os estudos linguísticos no Brasil.

O claro compartilhar com as novas tendências do pensamento francês está presente na *Grammatica portugueza*, na mesma é possível ler uma exposição proposta por Littré: “*Pour les langues, la méthode essentielle est dans la comparaison et la filiation. – Rien n’est explicable*”.

*dans notre grammaire moderne, si nous ne connaissons notre grammaire ancienne*”<sup>230</sup>.

Contudo, “romper” a tradição parece não ter sido muito fácil, a prova do embate entre aqueles que adotavam as novas ideias linguísticas e os gramáticos tradicionais está na apresentação da *Grammatica portugueza* (1900) de João Ribeiro:

É destituída de senso a censura que se tem feito às novas theorias gramaticaes, por conterem noções diferentes das antigas, é incompreensíveis, dizem, para a intelligencia dos meninos. Qualquer systema velho ou recente é sempre novo para as crianças: donde se conclue a falsidade d’aquella censura. João Ribeiro, (1900:4).

Ou ainda é possível destacar de Pereira (1918, p. III). “Depois que Julio Ribeiro imprimiu nova direcção aos estudos grammaticaes, romperam-se os velhos moldes e estabeleceu-se largo conflito entre a escola tradicional e a nova corrente.”

De certa forma, o que é novo sempre enfrenta alguns obstáculos, e com essas teorias não seria diferente, principalmente, por estar em foco a língua padrão, a língua dos dominantes, a língua de prestígio. Situação em que muitas forças e interesses entravam em conflito. Entretanto, apesar das polêmicas, algumas gramáticas que adotaram as novas ideias e fizeram parte do hoje denominado *período científico* receberam grande aceitação e obtiveram sucesso editorial.

Cabe observar o período que vai de 1881 a 1890 foi muito fértil para o Brasil, uma vez que alguns acontecimentos importantes marcaram definitivamente a nação brasileira. Fatos decisivos contribuem para que a *História das ideias linguísticas* se confunda com a História do Brasil. Em 1888 ocorre a abolição dos escravos, em 1889, a proclamação da República. Durante essa década, no que se refere à língua nacional, os estudos sobre a mesma demonstram que vão muito bem, visto que:

Júlio Ribeiro edita *Grammatica portugueza* (1881, 1885, 1891); Jeronymo Soares Barbosa (1881) publica a sua *Grammatica philosophica da língua portugueza ou princípios de grammatica geral, applicados à nossa linguagem*. Grivet (1881) edita a *Nova grammatica analytica da língua portugueza*; João Ribeiro (1885), *Grammatica portugueza*; Maximino Maciel (1887) publica *Grammatica analytica*; Alfredo Gomes,

---

<sup>230</sup> O método essencial para as línguas está na comparação e na filiação. Nada é explicável na nossa gramática moderna sem o conhecimento da nossa gramática antiga.

*Grammatica portugueza* (1887), Ernesto Carneiro Ribeiro (1890) edita o seu brilhante *Serões grammicaes*. O que terá motivado tantos estudos referentes à língua neste período?

A. Grivet, embora tenha editado a sua gramática em 1881, não é incluído pelos estudiosos entre aqueles pertencentes ao grupo denominado de “Período Científico”, possivelmente, pelo fato de ele demonstrar pensamentos contrários às tendências modernas sobre a língua. Conforme é possível ver a seguir, ele não esconde sua vinculação com a gramática greco-latina e suas opiniões conservadoras:

Pareceu-me que o meio, senão único, ao menos mais adequado para reagir com eficácia contra a decadência da linguagem, era o de pôr em frequente confronto as loquelas do tempo presente com as lições dos beneméritos das letras, que acomodando genialmente a arte das palavras aos ditames do bom senso, isto é, da lógica, buxilaram o padrão perene das feições características da língua portuguesa. Grivet (1881, p. XV).

Ao que parece, o que Grivet chama de “decadência da linguagem” vem a ser o *brasileirismo*, aquelas expressões que fugiam às regras da gramática tradicional, (talvez não da gramática, mas sim, do repertório lexical da língua, vindo de Portugal). As gramáticas que conservavam esta filosofia denominavam os brasileirismos de *vícios de linguagem*, que se constituíam em fatos fora do padrão normativo, e, por isso, deviam ser evitados. Quanto às “loquelas do tempo presente”, é possível que o autor esteja se referindo às constantes polêmicas referentes às novas teorias sobre a língua. Com relação ao sintagma “padrão perene”, aqui parece merecer um questionamento: o que leva um gramático a pensar ser a língua um elemento perene? Se tal fato fosse possível, ainda hoje, os usuários das línguas neolatinas ainda estariam falando o latim da época de Cícero. Alguém com pensamentos iguais aos expostos por Grivet não teria bom relacionamento com aqueles que estão interessados por recentes teorias, novos experimentos e descobertas. Portanto, o *embate* referido acima não poderia ser evitado, pois, parece que Júlio Ribeiro representava o que de mais moderno e atualizado existia entre os gramáticos de sua época. A *Grammatica portugueza* expõe, sem nenhum temor, as claras propostas darwinistas. Exemplo:

Bem como as espécies orgânicas a povoar o mundo, as línguas, verdadeiros organismos sociológicos, estão sujeitas à grande lei da luta pela existência, à lei da seleção. E é para notar que a evolução linguística se efetua muito mais prontamente do que a evolução das espécies: nenhuma língua parece ter vivido por mais de mil anos, ao passo que muitas espécies parece terem-se perpetuado por milhares de séculos. (RIBEIRO, 1881, p. 153).

“As línguas estão sujeitas à luta pela existência, à lei da seleção.” As influências das teses naturalistas e darwinistas estão aqui representadas. Assim como no mundo animal, teoricamente, sobrevivem os mais fortes, nas línguas naturais não é diferente. Ao longo da história da língua portuguesa é possível constatar que certos elementos, possivelmente, só existem hoje, porque, agregaram-se a outro, para ficarem mais fortes e, assim, sobreviverem ao tempo. Exemplo:

O ablativo *mente*, (de *mens*, *-tis* = razão, juízo), caso não tivesse se tornado sufixo de advérbios, é provável que teria desaparecido; porque, ou longo do tempo, poderia ter entrado em competição com (*ratio*, *-onis* = razão, juízo). No entanto, aquele ablativo, ao prender-se a outros, tais como: *certo*, (de *certus*, *a*, *um*), *certo* + *mente* > certamente; *futuro*, de (*futurus*, *a*, *um*), *futuro* + *mente* > futuramente; *forte* de (*fortis*, *-e*), *forte* + *mente* > fortemente, essas e tantas outras ocorrências que o ablativo *mente* encontrou para metamorfosear-se em nova palavra, lhe garantiram a sobrevivência na passagem do latim para o português.

Também, de igual modo, os estudos históricos sobre a língua apresentam exemplos de palavras que se juntaram a outras e tal procedimento lhes permitiram sobreviver ao tempo. Exemplo: *jam* + *magis* > jamais; *ad* + *post* > após; *pro* + *inde* > porém; *tam* + *bene* > também; (cf. COUTINHO, 1972). Mesmo que essa fusão tenha provocado alguma alteração semântica, não importa nesse momento, pois a questão exposta diz respeito às alternativas que as palavras encontraram para sobreviver, ou seja, para vencerem “a luta pela existência”, conforme propôs Júlio Ribeiro.

Os estudos que propõem analisar fatos semelhantes aos apresentados acima admitem que a língua muda, e estas teses, frutos de estudos desenvolvidos no século XIX, no Brasil, vão marcar, definitivamente, as teorias sobre a língua portuguesa. Conforme visto acima, de um lado, os gramáticos presos às tradições culturais, do outro, os autores que se vinculam às teses naturalistas e darwinistas, para proporem novas mudanças. Assim, as *querelas entre antigos e modernos* estão declaradas, tendo em vista cada grupo expor sua opinião, seu modo de ver a língua naquele momento histórico.

De Ernesto Carneiro Ribeiro (1890) é possível constatar:

Duas direcções diferentes têm dado os escriptores ao estudo da sciencia da linguagem: na primeira o sentido das palavras é tudo, a sua funcção e o seu valor logico; a grammatica considerada sob esse aspecto é uma sciencia puramente abstrata, como o é a logica, a que se vincula intimamente e com que se

confunde; na segunda atentam mais nos elementos morpicos das palavras, consideram-nas sob seu aspecto material; a grammatica então se torna uma especie de anatomia ou histologia: estudando-se as palavras como composto de *orgãos*, estudam-se, para nos exprimirmos assim, os tecidos desses orgãos, os *elementos* desses *tecidos*, como nascem e vivem, como crescem, proliferam e definham, se encorçam e se apoucam, se engrazam e separa, se modificam, se transformam, estacionam, envelhecem e remoçam, aparecem e morrem.

O grammatico não é ja um logico, senão um naturalista.

(RIBEIRO, 1950, p. 7-9. Prologo da 1ª ed. de 1890).

Este ponto de vista deixa bem clara a distinção entre os dois pensamentos que orientavam os estudos nas últimas décadas do século XIX. Entretanto, apesar das divergências, as “Obras sob orientação das correntes científicas”, no seu propósito fundamental, não chegam a ser tão diferentes daquelas “Obras sob orientação da Gramática Geral e Filosófica”, porque, no “longo percurso de investigação linguística dos gregos aos nossos dias, não há comportamentos estanques nem fronteiras delimitadas entre o antigo e o moderno”, Fávero (2006, p. 10). Ambos os estudos gramaticais são, na realidade, trabalhos históricos, (vistos, inclusive, como arte desde os gregos, latinos e franceses – Darmesteter, conforme expõe Cavaliere, (2000, p. 43).

Portanto, os primeiros estudiosos brasileiros que adotaram ideias capazes de admitir ser a língua um elemento que se modifica e se reorganiza ao longo do tempo, não podem, dessa forma, estar desvinculados das teorias que envolvem a gramaticalização dos dias de hoje.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALIERE, Ricardo. *Palavras denotativas e termos afins: uma visão argumentativa*. Niterói: EDUFF, 2009.

\_\_\_\_\_. Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos do Brasil. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, nº 23, 2002, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*. Niterói: Eduff, 2000.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.

- DIEZ, Frédéric. *Grammaire des langues romanes*. Tome troisième, Paris: F. Vieweg, 1876.
- ELIA, Silvio. Os estudos filológicos no Brasil. In: *Ensaio de filologia e linguística*. Rio de Janeiro: Grifo, 1975.
- FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia A. G. *As concepções linguísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; RODRIGUES, Angélica Te-rezinha Carmo. (Orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicados*, São Paulo: Parábola, 2007.
- GRIVET, A. *Nova grammatica analytica da língua portugueza*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filho, 1881.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. 5. ed. Juiz de Fora: UFJF; Campinas: Pontes, 2011.
- MACIEL, Maximino. *Grammatica descriptiva: baseada nas doutrinas modernas*. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1918.
- OVIDE. *Les métamorphoses*. Tome II. Trad. J. Chamonard. Paris: Garnier, 1953.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva: curso superior*. 6. ed., São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1943. [8. ed. São Paulo e Rio de Janeiro, Weiszflog irmãos, 1918].
- RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões grammaticaes ou nova grammatica portugueza*. Bahia: Progresso, 1950.
- RIBEIRO, João. *Grammatica portugueza: curso superior*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1887.
- RIBEIRO, Júlio. *Grammatica portugueza*. São Paulo: Typ. de Jorge Seckler, 1881. [Teixeira & irmão, editores, 1885; 1891; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913].
- SAID ALI, Manuel. *Gramática secundária e gramática histórica*. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.